



A culpa? É delas

09.05.2020 às 10h55

O valor inicial de €100 milhões apresentado pelo Governo para fazer face à crise e que foi de imediato duplicado é tão caricato, que nem se consegue adjetivar. Não consigo imaginar uma resposta plausível tendo em conta as pessoas que habitam nos ministérios das Finanças e da Economia.

Mas aprendeu-se. Em poucos dias os apoios estatais à economia, famílias e empresas conseguiam crescer exponencialmente a uma taxa muito superior à do crescimento dos próprios contagiados com covid-19 que nós queríamos evitar.

As medidas foram muitas e a legislação saía todos os dias alterando sucessivamente o que havia sido escrito e aprovado. É positivo corrigir o erro e isso merece aplauso.

Dos 17 documentos que as empresas têm de submeter às autoridades estatais para se candidatarem aos fundos, 13 já são do seu conhecimento e já os detêm

No entanto, a forma de transferir os apoios para a economia e para as empresas é que tem sido muito comentada pelo peso burocrático que arrasta. Dos 17 documentos que as empresas têm de submeter às autoridades estatais para se candidatarem aos fundos, 13 já são do seu conhecimento e já os detêm!

Mas o problema coloca-se quando foi garantido pelo Governo que as empresas iriam receber no dia 28 de abril o correspondente ao valor a pagar aos seus funcionários em lay-off simplificado. Evitava-se assim aumentar o seu stresse financeiro e criar pressão junto

da banca para empréstimos adicionais. Quando ouvi a “garantia” estranhei, sabendo que os processos iriam ser avaliados pela Segurança Social e conhecendo minimamente a realidade do mapa das empresas portuguesas por sector e dimensão. Inferi a dificuldade em cumprir a promessa em face a tamanha crise. Então porque prometeram?

Na entrevista a José Gomes Ferreira viu-se como Pedro Siza Vieira, educado e com responsabilidade, não quis deixar mal a colega da pasta que tutela a Segurança Social. Se estivesse no seu lugar faria o mesmo. No entanto, não ouvir uma palavra de desculpa aos membros do seu Governo, ao primeiro-ministro mas especialmente aos portugueses por parte ministra é elucidativo. Na escola primária incutiram-me a ideia de que quando a responsabilidade é nossa devemos assumi-la, mesmo que em defesa da honra de terceiros. Essa foi a conclusão da aula sobre a lenda da atitude de Egas Moniz.

Hoje, a palavra dada não vale nada, mesmo quando as consequências são sentidas por centenas de milhar de pessoas que no dia 28 não receberam o que os ministros já tinham recebido dias antes: a sua remuneração.

A culpa, afinal, foi delas, das empresas. Foram muitas a pedir.